

Perspectivas e ambivalência sobre trabalho e educação no diário de Helena Morley

Felipe Veríssimo Pereira¹⁷⁰

Resumo

Na obra *Minha vida de menina* (1942), de Helena Morley, as atitudes e reflexões da diarista comumente subvertem os valores do patriarcalismo escravista — como o confinamento coercitivo das mulheres e a negatização que recai sobre os trabalhos físicos —, mas não raro se articulam às prerrogativas senhoriais, de modo a reiterá-las. Isso se torna singularmente notável no que diz respeito à escravidão e às personagens negras do diário, visto que a narradora adolescente, católica e protestante, sendo pobre e protegida pela avó rica, vive uma espécie de trânsito constante entre o sobrado e o mocambo, a sala e a cozinha, a casa e a rua — o que significa, usualmente, a alternância entre experiências e princípios muito distintos entre si. Por meio da narradora lável, acompanhamos a cidade mineira de Diamantina de fins do século XIX em seu pleno dinamismo, revelada pelas entradas da jovem Helena, que contemplam os mais diversos assuntos. Levando em consideração o cenário de transição que marca o contexto de produção dessa obra, imediatamente posterior à Abolição e à Proclamação da República, esta comunicação visa a analisar, em especial, o olhar ambivalente da narradora frente às esferas da sociabilidade diamantinense da educação e do trabalho, a partir de uma leitura que busca estabelecer os nexos entre eventos e circunstâncias que podem aparentar figurar soltos no diário, dada a sua natureza fragmentária. Tal propósito pressupõe o contraste dos diversos olhares e posturas em relação a essas categorias que são percebidos, criticados, relativizados, acatados ou não pela protagonista, de modo que podemos observar a presença “espectral” da escravidão e dos valores patriarcais em Diamantina, mas também sua reversão simbólica com vistas à modernidade.

Palavras-chave

diário; escravidão; modernidade; trabalho; educação

170 Graduando do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve pesquisa de iniciação científica intitulada “Entre a ordem escravista e a modernidade: *Minha vida de menina*, de Helena Morley”, com fomento da FAPESP (Processo nº 2018/10686-4). As opiniões, hipóteses ou conclusões expressas neste resumo são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. E-mail para contato: felipe.vbs2@gmail.com.

Segundo Gilberto Freyre, o diário de Helena Morley (pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant), publicado em 1942, trata-se de uma “autobiografia disfarçada”, constituindo uma espécie de retrato do “último período de patriarcalismo escravocrata”¹⁷¹. Para o autor, as experiências narradas pela diarista delineiam as distintas esferas de sociabilidade da cidade mineira de Diamantina em fins do século XIX, num contexto poucos anos posterior à Proclamação da República e à Abolição. Alexandre Eulálio, no prefácio que escreveu ao diário¹⁷², ressaltou a ambivalência da protagonista, que oscila entre os valores antagônicos do protestantismo e do catolicismo, da pobreza e da opulência, os incorporando e relativizando. Roberto Schwarz, em ensaio decisivo sobre a obra, denominado *Outra Capitu*¹⁷³, destacou a capacidade notável da autora ao dar forma à matéria brasileira, por ter escrito o seu diário sem veleidades literárias e “à revelia da especialização artística”¹⁷⁴. Segundo o crítico, o aspecto civilizado e humanitário da Diamantina narrada por Helena deve-se ao declínio do ciclo extrativista de diamantes — que curiosamente teria feito a atenção daquela comunidade voltar-se especialmente às necessidades sumárias — e aos impactos da Abolição que, em cidades economicamente estagnadas ou em decadência, teriam possibilitado uma absorção mais gradual dos recém-libertos às dinâmicas do novo regime, ao contrário do sucedido nos grandes centros urbanos, que receberam significativos contingentes de imigrantes, substituindo massivamente a mão de obra escrava, lançando os ex-cativos a uma condição de pauperização e marginalidade¹⁷⁵. Britta Fischer, debruçando-se sobre o ensaio de Schwarz, enfatizou, para além do interregno histórico que marca o contexto de produção do diário, o momento singular da própria protagonista, que escreve sobre o seu dia a dia entre os doze e quinze anos¹⁷⁶. De acordo com Fischer, a ambiguidade da adolescência — em que não se é mais criança, mas tampouco um adulto — se trata de uma *condição potencial*, que permite

171 Vera Brant, sobrinha da autora de *Minha vida de menina*, compilou resenhas e comentários sobre o diário de sua tia em um livro. Nele, consta a resenha que Gilberto Freyre fez do diário de Helena para o *Jornal da Manhã*, em 1943, um ano após a sua publicação. Cf.: BRANT, Vera. *Alice e Helena Morley*. Brasília: Editora Kiron, 2013, p. 54-55.

172 Cf.: EULÁLIO, Alexandre. *Livro que nasceu clássico*. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia de Bolsa, 2016.

173 Cf.: SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

174 *Ibid.*, p. 77.

175 Schwarz apoia-se nas pesquisas de F. Fernandes para embasar seus argumentos. Para mais informações, conferir: FERNANDES, Florestan. *A integração do negro à sociedade de classes*. São Paulo: Seção Gráfica da USP, 1964.

176 Cf.: FISCHER, Britta. *As experiências de liberdade de Helena Morley*. Trad. Heloísa Buarque de Almeida. In: *Novos Estudos — CEBRAP*, nº 51, jul. 1998. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/produto/educacao-51/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

à narradora vivenciar as mais distintas experiências, possíveis devido à singularidade da protagonista, que é afeita à rua e ao trabalho — diferentemente de seus primos ricos —, e que estuda — ao contrário das crianças negras agregadas de sua casa, Emídio e Cesarina, que não têm as mesmas liberdades dos filhos dos Morley, por conta de sua condição de dependência.

Essas colocações ajudam a compreender a labilidade da narradora, notável por questionar os valores hegemônicos, opondo-se recorrentemente aos diversos sentidos comuns do patriarcalismo escravista, mas também, não raro, se articulando de acordo às prerrogativas senhoriais. A título de exemplo, Helena gosta dos trabalhos braçais e é contrária à ociosidade¹⁷⁷ por ser formada em uma lógica protestante¹⁷⁸, tem simpatia pela rua¹⁷⁹ e pela cozinha¹⁸⁰, espaços que a gente abastada prefere passar longe¹⁸¹. Essas reviravoltas não são, por assim dizer, meros atributos da inclinação moderna da narradora, mas sim concernentes às peculiaridades próprias do interregno em questão que, não sendo revolucionário¹⁸², decerto *encorajou* posturas distintas diante do mundo¹⁸³. Por outro lado, a protagonista, usualmente, também reitera a lógica senhorial ao dizer que a avó, Teodora, ficou sustentando todos os criados após a Abolição — ainda que eles permaneçam na casa-grande trabalhando em regime análogo ao anterior¹⁸⁴ —, ou quando a narradora assume, momentaneamente, o cargo de docente de sua tia

177 MORLEY (2016). Op. cit., p. 143-44 (Quinta-feira, 26 de abril [de 1894]): “Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim.” Obviamente, há certa ingenuidade na colocação.

178 Cf.: WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2016.

179 MORLEY (2016). Op. cit., p. 228-9 (Segunda-feira, 18 de março [de 1895]). A mãe de Helena, Carolina, aprendeu com a avó da protagonista, Teodora, os seguintes versos: “A mulher e a galinha/ Nunca devem passear;/ A mulher bicho come/ A mulher dá que falar.” A narradora, ouvindo-os de Carolina, opõe-se à lógica do confinamento feminino à casa, que a mãe, preocupada com as andanças da filha, tenta lhe impor.

180 Ibid., Op. cit., p. 173 (Sábado, 22 de setembro [de 1894]): “Vovó fica furiosa de eu andar na cozinha. Mas eu já lhe disse que na Chácara a cozinha é muito mais engraçada que a sala.”

181 Roberto DaMatta contrapõe a casa à rua como ambientes antagônicos em seus valores na sociabilidade brasileira. Cf.: DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

182 Segundo Viotti da Costa, o abolicionismo, ainda que não culminando em resultados revolucionários, contribuiu progressivamente para trazer novas perspectivas à sociedade. Cf.: COSTA, Emilia Viotti da. *A Abolição*. São Paulo: Global Editora, 1988.

183 H.M Pinto investigou escritos da mocidade diamantinense de fins do século XIX. Sua pesquisa demonstra que os embates entre adolescentes/moços e adultos eram recorrentes, e que a juventude se posicionava de modo a reiterar ~~em~~ os valores hegemônicos, mas também opondo-se a eles, com base em ideais progressistas. Cf.: PINTO, H. M. *Entre a casa e a rua: uma história da mocidade de Diamantina-MG no final do século XIX*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação da UFMG.

184 MORLEY (2016). Op. cit., p. 49-50. (Quinta-feira, 4 de maio [de 1893]): “Na Chácara moram ainda muitos negros e negras do tempo do cativo, que foram escravos e não quiseram sair com a Lei de 13 de Maio. Vovó sustenta todos.”

Madge em uma escola, incomodando-se em ensinar “meninos pretos e burros”¹⁸⁵. Em relação a esse último caso, aliás, Helena, vendo-se em apuros com os alunos que não a respeitam, recorre a Zinha, sua colega na Escola Normal e negra. Esta, sem dificuldades, logra controlar a sala e dar aula às crianças, o que causa incômodo à tia de Helena, devido ao fato de sua sobrinha ter desempenho inferior ao de uma professora negra — o que, por sua vez, não transtorna a diarista. Curiosamente, se Helena não enxerga os trabalhos físicos como algo vergonhoso, por conta da influência protestante de seu pai e de suas tias inglesas, parece que o grande influxo da protagonista nas subversões constantes de seu olhar em relação aos negros e ao preconceito racial é a experiência cotidiana, o dia a dia na escola¹⁸⁶, as lições de mãe Tina, para quem “o feio veve, o bonito veve, todos vevem”¹⁸⁷, e a afinidade que a protagonista tem pela rua e pela cozinha da Chácara de sua avó.

O relato sumário desses episódios evidencia que, espectralmente, a escravidão ainda impunha cerceamentos à execução dos trabalhos físicos, uma vez que paira o senso comum que imbrica as atividades braçais às noções hegemônicas de “negro” e “escravo” (estabelecidas sob correlação na lógica senhorial), ao mesmo tempo que as ocupações intelectuais — ou as demarcadas com algum prestígio social —, são encaradas, ideologicamente, como dignas dos brancos.

185 Ibid., Op. cit., p. 267 (Domingo, 18 de agosto [de 1895]).

186 Para mais informações sobre tensões raciais no ensino público mineiro ao longo do século, conferir: VEIGA, Cynthia Greive. “Promiscuidade de cores e classes”: tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira. In: FONSECA, Marcus Vinícius; POMBO, Surya A. (Orgs.). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

187 MORLEY, Helena. Op. cit., p. 75 (Quinta-feira, 24 de agosto [de 1893]). Tina foi ama de leite na família dos Morley: “Conversando com elas na pedreira eu disse que sabia que era feia mas não me incomodava porque mãe Tina me criou sabendo que ‘o feio veve, o bonito veve, todos vevem’.”

Referências bibliográficas

BRANT, Vera. *Alice e Helena Morley*. Brasília: Editora Kiron, 2013.

COSTA, Emilia Viotti da. *A Abolição*. São Paulo: Global Editora, 1988.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro à sociedade de classes*. São Paulo: Seção Gráfica da USP, 1964.

FISCHER, Britta. As experiências de liberdade de Helena Morley. Trad. Heloísa Buarque de Almeida. *Novos Estudos — CEBRAP*, São Paulo, n. 51, p. 179, jul. 1998. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-51/>. Acesso em 28 fev. 2019.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PINTO, H. M. *Entre a casa e a rua: uma história da mocidade de Diamantina-MG no final do século XIX*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação da UFMG.

SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. “Promiscuidade de cores e classes”: tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira. In: FONSECA, Marcus Vinícius; POMBO, Surya A. (Orgs.). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016. p. 271-302.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2016.